

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/314682694>

Águas de São Pedro: a primeira Cidade-Jardim brasileira

Conference Paper · November 2004

CITATIONS

0

READS

164

1 author:



Ricardo Trevisan

University of Brasília

31 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Territórios entre-Metrópoles [View project](#)



Brasília: history and historiography [View project](#)

Título - Águas de São Pedro: a primeira Cidade-Jardim brasileira

Sessão 1 – Memória do urbanismo

Autores:

TREVISAN, Ricardo (1); SILVA, Ricardo Siloto da (2)

(1) Professor Mestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás

e-mail: ricardotrevisan@hotmail.com

Rod. BR-153, Km 98, Bairro São João – CEP: 75133-050 – UEG – Anápolis – GO

Tel (62) 328-1160

(2) Professor Doutor no Programa de Pós-graduação em Engenharia Urbana da UFSCar

e-mail: rss@power.ufscar.br

Rod. Washington Luís, km 235 – CEP: 13560-970 – UFSCar – São Carlos – SP

Tel (16) 260-8262 ramal 227

ÁGUAS DE SÃO PEDRO: A PRIMEIRA CIDADE-JARDIM BRASILEIRA

Sessão 1 – Memória do urbanismo

Introdução

A Estância Hidromineral de Águas de São Pedro (**Fig. 1**), projetada e construída a partir do final da década de 30 do século passado no interior do Estado de São Paulo, tornou-se atualmente referência nacional pela sua *excelente qualidade de vida*¹. Fruto capitalista de uma pequena elite, este balneário atrai turistas de várias partes do Brasil, principalmente provenientes da grande São Paulo, quadruplicando sua população em finais de semana, feriados prolongados e férias escolares. A qualidade terapêutica das águas minerais, que jorram de suas três principais fontes – Gioconda, Juventude e Almeida Salles –, a paisagem campestre e a tranquilidade oferecida no ambiente deste balneário estabelecem os atrativos principais para pessoas que buscam fugir do cotidiano estressante das grandes cidades, revitalizando suas energias.

Mas nem sempre foi assim. As terras onde este núcleo urbano se encontra configuravam-se, em fins da década de 20, como vastos campos de plantação de café, que nessa época já apresentava sinais de enfraquecimento tanto por problemas na economia de exportação quanto pelo desgaste sofrido pelo solo com este tipo de produção. Impulsionado pela busca de petróleo, como um dos produtos a substituir o café no contexto econômico nacional, a região do município de São Pedro sofreu as primeiras inspeções tendo, porém, como resultado apenas a obtenção de águas minerais em grande quantidade².

A idéia de transformar a área desses poços em balneários medicinais e, posteriormente, numa cidade balneária coube a uma sociedade formada por empresários e donos de terras locais, da capital paulista e da cidade de Santos, liderados por Antônio Joaquim de Moura Andrade e por Octávio de Moura Andrade. A criação, em 1935, da empresa *Águas Sulphídricas e Thermaes de São Pedro S/A* por este restrito grupo representava uma forma de aplicar o *grande excedente de capital*, gerado no auge da economia cafeeira, em novas oportunidades seguramente rentáveis.

Neste sentido, além de fatores já explicitados (a produção cafeeira desestimulada e a busca por novos produtos a substituí-lo no cenário econômico), outros aspectos apontavam para a consolidação lucrativa deste empreendimento. De um lado, a existência de balneários como os de Poços de Caldas e de Araxá, ambos no Estado de Minas Gerais, erguidos com finalidades terapêuticas, atraíam inúmeros turistas de diversos Estados, inclusive de São Paulo, que para lá se dirigiam em busca de lazer e que por lá deixavam suas reservas econômicas em hospedagem,

¹ BUCHALLA, Anna Paula. "Cidade das Crianças". In: *Revista Veja*. São Paulo, 2000, 20/dez, p.79.

² RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastrieri. *Águas de São Pedro – Estância Paulista. Uma Contribuição à Geografia de Recreação*. São Paulo, Tese de doutoramento, FFLCH-USP, 1985.

banhos termais, jogos de azar, restaurantes, etc. Por outro lado, os incentivos fornecidos pelo governo federal, na época sob o comando de Getúlio Vargas, promoviam a colonização e ocupação do interior brasileiro através da implantação de novas cidades e instigavam a criação de atividades de lazer, como a abertura de cassinos, em todo o território nacional³. Portanto, traçado o perfil do empreendimento a partir de bases economicamente viáveis e rentáveis, bastava a empresa colocá-lo em prática.

Para a elaboração do projeto urbanístico desta nova cidade, com fins terapêuticos e recreativos, foi contratado, em 1939, o engenheiro e urbanista Jorge de Macedo Vieira, responsável por planejar loteamentos residenciais nas cidades de São Paulo, Campinas e Atibaia e desenhar Cidades Novas – Maringá e Cianorte – no norte do Estado do Paraná, todos permeados pelos conceitos do ideário urbanístico inglês de Cidade-Jardim. Todavia, a criação do balneário também contou com a participação de uma equipe multidisciplinar, a saber: Escritório Saturnino de Brito – responsável pelo plano de saneamento –, engenheiro civil Luiz Camerlingo – autor do programa projetual da Estância e pelo projeto arquitetônico do Grande Hotel São Pedro –, médico Jorge Aguiar Pupo – designado para avaliar as qualidades e potencialidades terapêuticas das águas minerais –, o botânico suíço Julius Borchard – autor do projeto paisagístico –, entre outros. Assim, o planejamento urbano agregou, de forma pioneira no país, uma mão-de-obra especializada em diversas áreas, trabalhando em conjunto na construção de uma cidade.

Após este breve panorama histórico, este estudo de caso⁴ tem por objetivo revelar a incorporação do ideário da *Garden-City* inglesa no plano urbanístico da cidade nova de Águas de São Pedro, caracterizando-a como a primeira Cidade-Jardim brasileira. Para isso, buscaremos nos ater, previamente, a questões que envolvam o tema Cidade-Jardim, de sua origem a sua ressonância em solo nacional, para, posteriormente, identificarmos no projeto da Estância aspectos que o aproximem dos conceitos elaborados pelo inglês Ebenezer Howard.

De antemão, salienta-se que a reconstrução de um objeto a partir de uma investigação histórica das partes que o compõem consiste numa construção analítica provisória (nunca definitiva), permeada de riscos (dados não-verídicos) e realizada sobre um percurso *labiríntico* (de incertezas), como expõe Manfredo Tafuri no capítulo introdutório de seu livro *La Esfera y el Laberinto* (1984)⁵. Do mesmo modo, deve-se ressaltar que o agente responsável por esta jornada, utilizando-se de um conhecimento interpretativo dos fatos, terá influência direta sobre os resultados obtidos, uma vez que seu repertório e seu universo temporal são únicos.

³ NEIVA, Arthur Hehl. “Getúlio Vargas e o Problema da Imigração e da Colonização”. In: *Revista de Imigração e Colonização*. Rio de Janeiro, 1942, n.1, ano 3, abril.

⁴ Trabalho resultante de Dissertação de Mestrado intitulada “Incorporação do ideário da *Garden-City* inglesa na urbanística moderna brasileira: Águas de São Pedro”, defendida pelo autor (1), em outubro de 2003, no Curso de Pós Graduação em Engenharia Urbana da Universidade Federal de São Carlos.

⁵ TAFURI, M. 1984. *La Esfera y el Laberinto – Vanguardias y Arquitectura de Piranesi a los años setenta*. Capítulo: “Introducción: El proyecto histórico”. Barcelona, Editora Gustavo Gili, pp. 5-28.

A Cidade-Jardim de Ebenezer Howard

O ideário *Garden-City* ou Cidade-Jardim, assim como propostas e modelos urbanísticos datados de fins do século XIX e início do século XX, surgiu como resposta à situação de crescimento *autoderrotador* na qual as cidades dos países industrializados se encontravam neste período. Os conceitos da *Garden-City* tornaram-se públicos no ano de 1898, com a obra *To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform*, do inglês Ebenezer Howard.

Os pressupostos howardianos foram aceitos e prontamente colocados em prática. No ano de 1903, ocorreu a primeira concretização do modelo proposto por Howard através da cidade de Letchworth (Inglaterra), elaborada pelos arquitetos Richard Barry Parker e Raymond Unwin. O segundo exemplar foi realizado anos mais tarde, em 1919, com o projeto para Welwyn Garden City (Inglaterra), de Louis de Soissons. O conceito de Cidade-Jardim não ficou, entretanto, restrito ao campo do urbanismo de Cidades Novas. Como exemplo, em 1907, Parker e Unwin derivaram a escala de Cidade-Jardim em Subúrbio-Jardim (um loteamento residencial com elementos característicos à *Garden-City*) no plano de Hampstead, periferia de Londres. Posteriormente, os conceitos inseridos neste ideário foram amplamente difundidos ao longo do século XX e aplicados em planos urbanos de diversos países como Bélgica, Alemanha, Rússia, França, Estados Unidos, Japão, Brasil entre outros.

Mas quais características delimitam esta tipologia urbanística, a qual fincou marco na história do urbanismo do século XX, mostrando-se como corrente paralela ao urbanismo racionalista e funcionalista do arquiteto Le Corbusier?

A origem do ideário Cidade-Jardim remete-se à publicação do livro *To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform (Para o – Amanhã: Um Caminho Tranquilo para a Reforma Autêntica)* no ano de 1898 com a autoria de Ebenezer Howard. Reeditado em 1902, com o título *Garden Cities of Tomorrow (Cidades-Jardins de Amanhã)*, este documento tornou-se ícone para o urbanismo moderno ao apresentar um novo modelo urbano – uma cidade diferenciada em seus aspectos físicos e em sua organização econômica, política e social.

Tanto para Peter Hall (1995)⁶ como para Robert Beevers (1988)⁷, a preocupação de Howard em sua obra estava direcionada mais para os processos sociais do que para os aspectos físicos de sua nova cidade. A falta de conhecimento técnico levou Howard a criar diagramas e esquemas urbanísticos primários que deveriam ser adaptados conforme o local de implantação da cidade. A atenção maior foi dedicada a temas econômicos e financeiros com os quais argumentava a possível concretização de seu ideal.

⁶ HALL, P. 1995. *Cidades do Amanhã*. São Paulo, editora Perspectiva.

⁷ BEEVERS, R. 1988. *The Garden City Utopia: a critical biography of Ebenezer Howard*. Londres e Nova Iorque, Macmillan e St. Martin's Press.

Em termos gerais, a proposta de Howard surgiu como resposta às exigências peculiares do final do século XIX e foi fundamentada na junção das qualidades existentes no campo com as qualidades existentes na cidade (representada por diagramas), reaproximando o homem da natureza por meio de reformas (social e da terra), como o próprio autor expõe em sua obra:

A questão é universalmente considerada como se agora fosse (e assim devesse permanecer para sempre) completamente impossível para os trabalhadores viver no campo e apesar disto dedicar-se a atividades outras que não a agricultura; como se cidades superpovoadas e malsãs fossem a última palavra em ciência econômica e como se fosse necessariamente permanente nossa atual forma de produção, na qual linhas cortantes separam as atividades agrícolas das industriais. Essa falácia é aquela muito comum de ignorar por completo a possibilidade de outras alternativas além daquelas apresentadas à mente. Na verdade, não há somente duas alternativas, como se crê - vida urbana ou vida rural. Existe também uma terceira, que assegura a combinação perfeita de todas as vantagens da mais intensa e ativa vida urbana com toda a beleza e os prazeres do campo, na mais perfeita harmonia⁸.

A solução dos problemas socioculturais da cidade industrial estaria no retorno do homem ao campo cujo contato com a natureza seria capaz de manter seu bem-estar físico e moral. Howard acreditava (...) *in the superiority of rural life encouraged an interest in preserving the English countryside from the effects of uncontrolled urban and industrial growth. (...) The poor in congested cities, it was argued, urgently needed contact with nature for their moral and physical welfare*⁹.

Condensando este ideal, a concepção howardiana apresentou-se como o mais adequado plano de construção do espaço *Eutópico* de Patrick Geddes¹⁰. Longe da cidade *gigante* vitoriana e seus problemas – poluição, cortiços e especulação imobiliária –, Howard propunha cidades de pequena e controlada dimensão no interior da Inglaterra, habitadas por pessoas vindas da capital ou de outras cidades com as mesmas dificuldades.

Para as estruturas do Modelo da cidade ideal, o taquígrafo inglês¹¹ traçou um minucioso plano englobando questões econômicas, políticas e sociais. Neste sentido, tratou de temas como a compra e o financiamento das terras e a forma de gerenciamento delas. Para tal, propunha a gestão pelo governo municipal retirando de cena os proprietários privados e especuladores imobiliários. Tratava-se de uma resposta à cidade comercial do século XIX, quando o espaço urbano não era visto como uma instituição pública e sim como uma aventura comercial privada. A efetiva representatividade da autoridade pública era essencial para o sucesso da forma

⁸ HOWARD, E. 1996 (1902). *Garden Cities of To-morrow*. Londres, Faber and Faber Ltd.. *Cidades-Jardins de Amanhã*. Edição brasileira pela Hucitec com introdução de Dácio Ottoni.

⁹ WARD, S.V. (ed.) 1992. *The Garden City: past, present and future*. Londres, Chapman & Hall press.

¹⁰ GEDDES, P. 1994. *Cidades em Evolução*. Campinas, editora Papirus.

¹¹ Filho de pai pastor, autodidata e com personalidade inventiva, Howard trabalhou como taquígrafo no Parlamento inglês, onde começou a ter uma educação política e aproximou-se dos ideais do movimento socialista.

unificadora e autônoma proposta na sua estrutura urbana¹². A auto-suficiência da cidade foi outro ponto trabalhado pelo inglês, devendo *fundar-se num equilíbrio harmônico entre indústria e agricultura*¹³.

Quanto à estrutura física da cidade, a concepção howardiana foi esquematizada também sob a forma de diagramas. Os contatos mais intenso de Howard com cidades como Londres, Paris, Chicago e Nova Iorque certamente contribuíram para a formulação de seu referencial urbanístico, principalmente, quanto à disposição e à dimensão dos espaços. O autor estipulou uma comunidade para 32 mil habitantes – *unidade experimental* –, sendo trinta mil, na cidade, e dois mil, no campo, distribuída em uma área total de 2.400 hectares, cuja área urbanizada ocuparia uma área central de 400 hectares, pertencendo o restante à zona rural.

Entre as funções dirigidas à zona rural, estaria a de conter a expansão urbana por um cinturão verde formado por parques, bosques e pequenas e médias propriedades agrícolas. Segundo Lewis Mumford (1982), *Howard reintroduziu no urbanismo o antigo conceito grego de limite natural de crescimento de qualquer organismo ou organização, restabelecendo, ao mesmo tempo, a medida humana da nova imagem da cidade*. Além de propriedades voltadas à produção agrícola, que abasteceria os mercados da cidade, a área rural também seria base de instituições relacionadas às doenças, como cegueira, epilepsia, além de internatos, prisões, etc.

Na área urbana (desenhada em uma circunferência de 1.130 metros de raio), todos os espaços foram pensados e alocados para que todos os cidadãos da cidade pudessem deles usufruir sem dificuldade de acesso. Seriam dispostos (**Fig. 2**), do centro para a periferia, o centro público com os principais edifícios públicos e o parque central; o Palácio de Cristal, uma espécie de mercado coberto para lazer e compra de produtos artesanais; as habitações, construções implantadas em lotes espaçosos e ajardinados; a avenida central com 125 metros de largura na qual estariam localizadas as escolas e igrejas dos mais variados credos; e, por fim, as instalações industriais e os mercados estariam alocados no anel periférico da cidade por onde passaria a ferrovia. O transporte ferroviário (uma nova tecnologia da época) foi adotado para facilitar o transporte de mercadorias excedentes e a comunicação com as outras cidades. Toda infra-estrutura da cidade (abastecimento de água, esgoto, telefone e energia elétrica) foi pensada segundo as tecnologias mais modernas do período sendo dispostas abaixo dos bulevares que cortariam a cidade.

A liberdade do cidadão e sua conduta perante o restante da comunidade configura-se como outra parte de sua obra. A liberdade de cada habitante da Cidade-Jardim deveria ser garantida, mas com certa disciplina e coerência¹⁴. O historiador Leonardo Benevolo (1976) resumiu os deveres desses moradores da seguinte maneira: (...) *cada um será livre para regular sua própria vida e*

¹² MUMFORD, L. 1982. *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo, livraria Martins Fontes/ed. UnB.

¹³ BENEVOLO, L. 1976. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo, editora Perspectiva.

¹⁴ CREESE, W. 1992. *The Search for Environment: the garden city before and after*. New Haven, Conn, M.I.T. Press. Reeditado, em 1992, com um novo prefácio e um epílogo do autor, por John Hopkins University Press, em Baltimore, MD.

seus negócios como achar melhor, submetendo-se somente ao regulamento da cidade e recebendo, em troca, os benefícios de uma convivência regulada.

Howard também discutiu o futuro das cidades. A expansão de sua cidade dar-se-ia pela construção de outras. Os esquemas, por ele apresentados, configuram uma rede de sete cidades interligadas pela ferrovia, sendo seis cidades menores periféricas (com 32 mil habitantes) e uma central chamada de Cidade Social (com 58 mil habitantes). Esta cidade centralizaria um número de atividades maior do que as demais, demonstrando, assim, uma hierarquia funcional e de importância entre elas.

Com relação à natureza, o plano de Howard solucionaria os males da sociedade capitalista industrial. Este ponto fez elevar a aceitação de seus valores pelas pessoas na virada do século XIX, dando à natureza o mesmo valor de beleza atribuído às artes (Geddes, 1994). Em sua proposta, $\frac{1}{4}$ da cidade seria ocupado por parques e jardins residenciais, sem contar as vias arborizadas. Os controles paisagísticos adotados nos modelos de Cidade-Jardim foram amplos: (...) *regulamento de cercas, culturas, arvoredo, manutenção de espaços públicos, variações admitidas e não admitidas de construção, ruídos a serem evitados* (Benevolo, 1976). Deste modo, Leonardo Benevolo elegeu outra maneira de interpretar a cidade howardiana *mais simples e talvez mais justo, deixando de lado a teoria da auto-suficiência e considerando somente o desejo ruskiniano de viver em um ambiente físico mais agradável e repousante, com muito verde e o campo a poucos passos de distância.*

Apesar das críticas, embasadas ou displicentes, o ideário de Ebenezer Howard criou raízes na urbanística moderna e tornou-se uma forma de habitar a cidade do homem contemporâneo. Sob a perspectiva histórica, revelou-se mais realista e frutífera que os demais modelos de sua época (exceto o sucessor modelo de urbanismo funcionalista de Le Corbusier). O modelo de cidade ideal de Howard tomou forma seis anos após à primeira publicação, no projeto da cidade de Letchworth, Inglaterra. Os conceitos de Cidade-Jardim, portanto, não ficariam somente no campo ideológico. Como previu seu autor, talvez, além de sua imaginação, refletiram-se em planos urbanísticos, em diversos países europeus e em países de outros continentes como Ásia, Oceania e Américas.

Ressonância dos conceitos de Cidade-Jardim no Brasil

O Brasil, na passagem do século XX e nas décadas posteriores se encontrava em plena mudança, assim como a Europa e os Estados Unidos após a Revolução Industrial. Ao buscar se assemelhar economicamente às transformações que ocorriam nos países industrializados ou pelas necessidades que a produção cafeeira impunha, o país iniciou um processo mais intenso de urbanização do território. A falta de uma escola própria de urbanismo, decorrente de uma deficiência urbanística do período colonial, fez de nossa urbanística uma colagem de modelos externos, adequando-os, porventura, ao contexto local quando o profissional tinha tal

preocupação. Estes modelos transformaram as cidades existentes ou foram aplicados na criação de novas cidades, feitos decorrentes de ações governistas ou de iniciativa do capital privado. Distantes dos pólos de origem – sem, portanto, uma necessidade de seguir à regra os mandamentos estipulados – estes modelos abraçaram o vasto campo de experimentação que o país se tornou, mostrando, em certos momentos, soluções híbridas que resultaram em planos urbanísticos ímpares. Assim, construiu-se o urbanismo moderno brasileiro.

Cidades existentes foram reformadas, cidades novas foram construídas sob os olhos de Estados paternalistas ou pela ação especulativa de agentes imobiliários. A segregação social do espaço se fez presente, dando às classes mais abastadas melhores condições de vida, enquanto que a massa proletária era empurrada para regiões desqualificadas. O urbanismo moderno brasileiro nascia trazendo consigo as inovações urbanísticas trabalhadas no estrangeiro, sendo introduzidas em nossas cidades por intercâmbios de informações.

A arquiteta Maria Cristina da Silva Leme expôs, na *Apresentação* de seu livro *Urbanismo no Brasil – 1895 – 1965*¹⁵, que as referências urbanísticas estrangeiras adentraram por nossas fronteiras, repercutindo no desenho e no planejamento urbano nacional, através da *circulação de idéias* que compunham as principais tipologias da época. A forma como tais transferências e traduções ocorreram, nesta parte do hemisfério sul, foi justificada pela autora como proveniente da contratação de técnicos, arquitetos e urbanistas estrangeiros feita por empresas privadas ou pelo próprio governo, dos estudos expostos em congressos, da formação de nossos profissionais em academias além-mar, de viagens realizadas para estudos ou para enriquecimento do repertório profissional, da divulgação em periódicos e jornais, entre outras.

A assimilação de conceitos importados, dos quais nossos profissionais se apropriaram para criar seu repertório de trabalho, possibilitaram que diversas vertentes urbanísticas (Higienismo, *City Beautiful*, *Company Towns*, Cidade-Jardim, Cidade Funcionalista, etc.) ressoassem em planos e intervenções elaborados para as cidades brasileiras na primeira metade do século XX. Dependendo do profissional, estas tipologias recebiam uma contextualização ao serem implementadas, respeitando os princípios originais; contrastando-se com o mero rebatimento das idéias ou apenas do nome para qualificar o espaço urbano.

Focalizando nossos estudos sobre a apreensão do ideário da Cidade-Jardim pela urbanística nacional¹⁶, verificamos que o modo como este ideário foi introduzido e a forma como ele se

¹⁵ LEME, M.C. da S. (coord.) 1999. *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo, Studio Nobel, FAUUSP, FUPAM.

¹⁶ Sobre a ressonância do urbanismo howardiano na urbanística moderna brasileira, ver também:

- ANDRADE, C.R.M. de. 1998. *Barry Parker – um arquiteto inglês na cidade de São Paulo*. São Paulo, Tese de doutoramento, FAU-USP.
- KAWAI, C.S. de. 2000. *Os loteamentos de traçado orgânico realizados no município de São Paulo na primeira metade do século XX*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, Departamento de Geografia.
- STEINKE, R. 2002. *Ruas Curvas versus Ruas Retas. Na história das cidades, três projetos do eng. Jorge de Macedo Vieira*. São Carlos, Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo.

difundiu pela ação de profissionais e empresas privadas, que queriam fazer dele um novo modo de habitar a cidade, ocorreu de forma semelhante às possibilidades descritas acima. Salienta-se que o modo como tal incorporação ocorreu nem sempre foi condizente com os conceitos elaborados por Ebenezer Howard na sua concepção de cidade ideal. Muitas vezes, sendo aplicados de forma parcial, estes conceitos foram meramente refletidos, deturpando o sentido real pensado em sua criação, dando origem à polissemia do termo Cidade-Jardim.

A variação proposta por Unwin juntamente com os interesses de agentes imobiliários urbanos, produziu a descaracterização do modelo original não apenas com relação a seu dimensionamento e funcionalidade como também pela forma de controle social da terra. O arrendamento do solo, onde iria ser construído o empreendimento, não era mais gerenciado por uma cooperativa de futuros moradores mas por empresas imobiliárias. A sociabilização do solo da cidade cedeu espaço à comercialização do mesmo. A atratividade que o nome possibilitava a uma obra deste tipo – havia por parte dos empreendedores o interesse comum em apropriar-se do nome Cidade ou Subúrbio-Jardim para qualificar positivamente sua obra – levava os especuladores da terra urbana a super-valorizar seus lotes, destinando-os assim às classes mais abastadas da população.

Porém, alguns profissionais, como o engenheiro urbanista Jorge de Macedo Vieira, levaram o modelo Cidade-Jardim às áreas intersticiais das cidades existentes (fundos de vales, encostas íngremes, terrenos alagadiços, etc.), dando a estas regiões desvalorizadas o espaço para que classes mais baixas da sociedade pudessem ter acesso a um modo de vida mais digno.

Assim, a transição deste ideal ou de suas adaptações (mutações) para a urbanística nacional sofreu influências tanto do contexto como dos atores envolvidos. Destas interferências, surgiram algumas propostas projetuais que mantinham as premissas defendidas por Howard; e outras que criavam uma nova linguagem e as que desconfiguravam o ideal por completo.

Embora os meios disponíveis na época não permitissem uma interação mais rápida entre profissionais e novas propostas conceituais, dados revelam que a aplicação dos conceitos de Cidade-Jardim em planos urbanos nacionais datam de 1915, doze anos após a construção da primeira Cidade-Jardim: Letchworth e quatro anos antes da construção da segunda cidade: Welwyn Garden City.

De acordo com as informações obtidas ao longo da pesquisa, pudemos encontrar dois pontos marcantes que possibilitaram a nossos profissionais tomarem conhecimento dos conceitos howardianos. Em ordem cronológica, o primeiro momento data do ano de 1915, quando a *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited* contratou o escritório dos arquitetos ingleses Raymond Unwin e Richard Barry Parker para elaborarem o projeto do bairro Jardim América na capital paulista. O segundo momento está relacionado à vinda do urbanista francês Donat Alfred Agache ao Rio de Janeiro, em 1927, o qual, em palestras conferidas nessa

cidade, expôs os conceitos elaborados por Howard para diversos profissionais e meios de comunicação impressa, acarretando uma proliferação deste ideal por diversos Estados do país.

Direcionando nossas atenções para as Cidades Novas, estas se transformaram num campo propício para inserção dos mais variados modelos. Mais do que uma forma de expansão urbana (visto que as cidades no Brasil ainda não apresentavam as mesmas dimensões que as capitais européias), este processo se configurou como meio de transferir ou conduzir mão-de-obra de áreas econômica ou politicamente desestabilizadas (Nordeste, Minas Gerais ou países europeus e asiáticos em crise) para regiões onde esta se fazia necessária, como as lavouras cafeeiras do interior de São Paulo. A criação de Cidades Novas como controle da expansão da cidade industrial, assim proposto por Howard em seus diagramas, ou como subsídio ao desenvolvimento econômico e proteção das divisas fronteiriças, no caso brasileiro, julgou-se serem formas semelhantes de urbanização do território. Destas intenções ou execuções, tidas por alguns teóricos como ações antiurbanísticas, o resultado final apresentava-se como o surgimento de uma rede urbana densa e compacta composta de cidades de médio e pequeno porte (por exemplo, as regiões do Noroeste do Estado de São Paulo e o Norte do Paraná).

Criadas para atender funções diferentes e incentivadas pelos interesses do poder público, cada Cidade Nova destacou a aproximação com um dos ideários urbanísticos em voga. Esta aproximação se dava pela interação entre as necessidades funcionais pré estabelecidas e os conceitos ditados em cada tipologia. Em alguns exemplares podemos verificar o urbanismo culturalista característico do modelo Cidade-Jardim, como: na reformulação do plano de Atílio Corrêa Lima para Goiânia, elaborado por Armando Augusto de Godoy; nos planos de Maringá (1945) e Cianorte (1955) de Jorge de Macedo Vieira; ou mesmo no projeto de Lúcio Costa para Brasília (1957). No caso da Cidade Nova de Águas de São Pedro, sua função direcionada ao recreio e à reabilitação da saúde, dotaram o balneário de um plano singular e pioneiro (em termos de escala), realizado pelo engenheiro urbanista Vieira em 1939¹⁷, como veremos a seguir.

O projeto urbanístico de Águas de São Pedro

Para a melhor compreensão do projeto elaborado para a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, e futura análise comparativa com os ideais howardianos, optou-se pela dissecação da obra, revelando suas estruturas íntimas dentre as quais estão: a implantação, o zoneamento, o traçado viário, o saneamento, as especificidades das áreas residenciais, os projetos para áreas verdes e recreativas.

¹⁷ No último ano de faculdade, na Escola Politécnica de São Paulo, Vieira iniciou seus trabalhos profissionais como estagiário na *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*. Estagiando de junho de 1917 a janeiro de 1919 na Companhia *City*, Vieira teve a oportunidade de vivenciar de perto as idéias e produções urbanísticas de Barry Parker (Jardim América, Parque do Trianon, Pacaembu, Alto da Lapa, etc.) e, principalmente, de se aproximar dos princípios howardianos da Cidade-Jardim. Posto que se desconheça o grau de contato de Vieira com os pressupostos defendidos por Howard, sua produção urbanística revelou-nos fortes indícios dessa influência, demonstrados nos traçados e nos partidos adotados.

- Implantação e Zoneamento:

A implantação do projeto da pequena cidade (3,5 km² de área total) adequou-se às características locais e às mudanças futuras que iriam ocorrer na região. Idealizada pelo engenheiro urbanista Jorge de Macedo Vieira, sua preocupação com o *genius loci*, apesar da área configurar-se como um imenso descampado, baseou-se na identificação das especificidades geomorfológicas e dos futuros acessos viários que a nova Estância iria ter com as demais cidades do entorno, como São Pedro, Piracicaba e Rio Claro. Deste modo, Vieira queria qualificar Águas de São Pedro também pelos seus aspectos urbanísticos, dotando o ambiente urbano de elementos que favorecessem as atividades propostas.

Sabendo-se do projeto de implantação de uma rodovia ligando a Estância à cidade de Piracicaba, e que esta terminaria próxima à jusante do córrego Bebedouro (**Fig. 3**), Vieira definiu a região do rio Araquá como a porta de entrada da cidade. Com isso, além de possibilitar uma visão perspéctica do parque e do Grande Hotel (posicionados em terreno mais elevado e de frente para este vale), conseguiu *tirar a impressão de buraco que se tem ao alcançar o profundo valle do Bebedouro*¹⁸.

A idéia inicial foi de limitar a urbanização a uma distância de 300 metros antes das margens do rio Araquá; esta lacuna, todavia, cedeu espaço a um segundo parque, onde ficariam os equipamentos de esportes como: quadras poliesportivas e campo de futebol. Com este parque, marcou-se a entrada da cidade, preservou-se a mata ciliar existente, moldou-se o futuro loteamento entre dois parques e impossibilitou-se qualquer tipo de ocupação irregular que viesse a ocorrer.

Assim como era recorrente nos projetos por ele realizados, Vieira também marcou a entrada da cidade e o fundo do vale do Bebedouro com uma larga e arborizada avenida *park-way*, de acordo com o que ele próprio relatou no *Memorial* da cidade: *a ligação deste parque á estancia propriamente dita é feita por uma “park-way”, projectado no valle do Bebedouro, com a largura media de 100 metros e ao longo de suas avenidas laterais.*

As duas pistas que serpenteiam o córrego Bebedouro foram separadas do parque central através do seu rebaixamento gradual deste sentido rio Araquá. Deste modo, além de nivelar as copas das futuras árvores com a vista dos passantes, Vieira prevenia o lotes limítrofes de possíveis inundações que viessem a ocorrer no córrego, principalmente, por ser ali seu ponto de junção com o rio Araquá.

Ao final deste parque linear, Vieira marcou a entrada do centro da cidade com uma ampla rotatória, a qual denominou de *praça central*. Este elemento permitiu o estrangulamento da *park-way*, transformando-a num bulevar de 32 metros de largura, centrada pelo córrego canalizado e aberto, que daria acesso à *estância propriamente dita*. Às margens deste bulevar, seriam

¹⁸ VIEIRA, J.M. 1939. *Memorial*. São Pedro, 15/12/1939.

alocados os estabelecimentos comerciais, os hotéis de pequeno porte, a fábrica de engarrafamento de água, a sala de teatro e cinema. Devemos atentar ao fato de que tanto a implantação de uma igreja (elemento importante na definição do espaço urbano das Cidades Novas de colonização), quanto dos edifícios públicos não foram mencionados nesta primeira proposta. Ao final do bulevar, outra rotatória definiu a entrada da estância (parque e Grande Hotel). Assim, Vieira criou um eixo central para seu projeto, ao longo do pequeno corpo fluvial existente, sendo este dividido em três partes diferentes pela incorporação de rotatórias: a área residencial (entre o parque de entrada e a praça central), a área de comércio (ao longo do bulevar) e a estância (toda a área do parque, na cabeceira do córrego Bebedouro).

Definida a implantação do vale, Vieira tratou de planejar as encostas dos morros. O primeiro cuidado foi identificar as áreas de talvegues para destacá-las do traçado viário e caracterizá-las como áreas verdes, protegendo-as das ações erosivas processadas pelo acúmulo de águas pluviais. Ao lado destes talvegues, foram implantadas as vias de conexão (caracterizadas por uma maior inclinação) ligando o vale às partes mais elevadas. Destas vias, traçaram-se as ruas secundárias (exclusivamente residenciais), paralelas à sinuosidade do eixo central no vale ou aos limites do parque maior, sem apresentar grandes aclives. Seguindo as vias de ascensão do terreno (ao lado dos talvegues), ou paralelas a estas, locaram-se as vielas sanitárias das quadras sobre as quais passeios para pedestres foram projetados. Demarcando o limite do loteamento e de toda a estância, traçou-se uma avenida de contorno, que daria acesso à rodovia, com destino ao município de São Pedro. Do traçado viário, surgiram 55 quadras, sendo 8 destinadas aos estabelecimentos comerciais e o restante às áreas residenciais. Para o projeto da cidade não foi previsto um cemitério, pois entendia-se que a contaminação das águas por necro-chorume podia acarretar problemas.

Como zoneamento da cidade, delimitando cada função da cidade a um espaço definido (Le Corbusier, 1993), Vieira fez a seguinte proposta em seu *Memorial* de 1939: *foi a cidade de águas projectada com o característico de cidade de repouso, do typo ralo, com abundancia de espaços livres, e dividida e duas unicas zonas: a comercial, muito pequena, e a residencial* (Vieira, 1939).

Foi verdade que o planejamento destacou a maioria das quadras como residenciais, porém, as quadras comerciais, pela necessidade de estarem presentes em locais com maior fluxo de pessoas, foram setorizadas numa das melhores áreas da cidade, entre a estância e a praça central. Juntamente às quadras comerciais, também foi alocada a única quadra industrial, onde se construiu a fábrica de engarrafamento e processamento das águas minerais. Sabia-se que a economia desta cidade seria fomentada pelos serviços ligados ao setor turístico – diferentemente de cidades daquela época que tinham a fábrica como base econômica –, e que a presença desta indústria em nada interferiria na poluição do ambiente.

Para a zona comercial (ocupando 64 lotes, com área média cada de 398 m²) permitia-se apenas a ocupação de estabelecimentos de comércio, quando muito de edifícios de uso misto (comércio e

habitação) incorporados, contudo, a um único prédio. O lote mínimo previsto tinha 10 metros de frente, variando sua profundidade conforme a quadra. A ocupação seria feita sem recuo na parte voltada ao bulevar e com recuo nas vias secundárias (Vieira, 1939). Para a zona residencial (1.229 lotes, com área média cada de 603 m²), estabeleceu-se 12 metros de frente para cada lote. Os recuos deveriam atender às seguintes ordens: frontal, com variações entre 13 e 15 metros entre a casa e a via; lateral para casa isolada, afastamento de no mínimo 2 metros; lateral para casas geminadas (*máximo de duas e uma em cada lote*), afastamento de 3 metros; e recuo nos fundos.

Atentando-se para a área verde que a cidade apresentaria apenas com seus dois parques (60%), este número tornar-se-ia maior (67,34%) com o acréscimo de áreas verdes presentes no loteamento. Certamente esta abundante área, correspondendo a mais de sessenta por cento da área loteada, foi outro grande fator de diferenciação da Estância em relação às demais cidades existentes ou criadas nesta época. Se na proposta de Ebenezer Howard, sua cidade hipotética teria ¼ da área total destinada a parques e jardins (sem contar com as vias arborizadas), a cidade de Águas de São Pedro teria quase o triplo, podendo-se definitivamente atribuir-lhe o sentido literal da palavra Cidade-Jardim.

- Traçado Viário:

O cuidado com o traçado viário elaborado por Vieira pode ser visto no *Memorial* de projeto que escreveu em 1939. Ao se percorrermos as linhas que tratam sobre o Arruamento da Estância, nota-se a preocupação não apenas de atender as necessidades dos veículos como também dos pedestres e dos cavaleiros. A sinuosidade do traçado, as esquinas-verdes, as rotatórias, a suavidade apresentada pelas vias em aclives, a arborização proposta são marcas de seu traçado herdado dos ensinamentos obtidos nos trabalhos desenvolvidos ao lado de Barry Parker, na *Companhia City*, e de seus projetos para bairros implantados em hiatos urbanos (áreas vazias devido ao terreno ser acidentado).

A avenida do contorno foi projetada com 15 metros de largura (10 metros destinados aos veículos e 5 metros *para uma alameda para cavaleiros*), implantada sobre o espigão divisor de águas que contorna toda a bacia do córrego Bebedouro. Se na Cidade-Jardim de Howard esta limitação entre o urbano e o rural era marcada pela presença da linha férrea, nos tempos modernos de Vieira, o veículo, como principal meio de transporte, teve este encargo. Proibindo-se construções marginais, esta avenida (6 km. de extensão) foi pontuada em quatro partes estratégicas, que foram transformadas em ponto de parada para observar as visuais da região e como áreas de manobra dos veículos. Vieira apontava este anel como um bucólico passeio a ser feito pelos visitantes da cidade.

Para o eixo central projetado sobre o fundo do vale, Vieira estipulou dois tipos de vias: o *typo urbano* e o *typo park-way*. A *park-way*, com uma largura de 100 metros (o projeto da avenida

central na cidade ideal de Howard tinha 125 metros), seriam entremeadas por um grande parque que teria, além da função paisagística, a tarefa de auxiliar na drenagem das águas superficiais.

Entre esta via de fluxo mais rápido e o bulevar, Vieira optou pela implantação da rotatória como instrumento de diminuição da velocidade dos veículos (mesmo artifício proposto na entrada da cidade, impedindo que os veículos desenvolvessem mesma velocidade que na rodovia). Este sistema de graduação de velocidade, possibilitou também a diversificação de espaços públicos dentro da cidade, como por exemplo, a área do bulevar, uma alameda de 32 metros de largura, arborizada, com amplas calçadas de piso português que permitiriam aos pedestres caminhar ao lado do córrego canalizado e descoberto. A rotatória, ao final do percurso central (com 96 metros de diâmetro), estando situada *no centro topográfico das cabeceiras do Bebedouro*, irradiaria inúmeras alamedas que dariam acesso aos principais equipamentos do parque.

Consciente das funções que a cidade iria ter, o engenheiro apenas se preocupou com a largura ampla das vias no eixo central, possibilitando acesso fácil ao fluxo de veículos que se dirigiram ao balneário, ao parque, ao cassino, ao hotel, etc. Tendo como parâmetro a distribuição do trânsito feito para outras estâncias projetadas (Vieira, 1939), achou-se coerente a proposta, uma vez que as demais vias teriam larguras menores, economizando despesas públicas com pavimentação, limpeza, drenagem, conservação. Estas vias secundárias foram traçadas com largura de 11 metros e teriam uma ampliação visual em mais 4 metros, de cada lado, devido aos recuos frontais estipulados.

Quanto à declividade das ruas projetadas, Vieira estabeleceu o máximo de 8% de inclinação das vias, com algumas exceções (Vieira, 1939). Esta preocupação com a adequação do traçado viário à topografia irregular do terreno contribuiria para uma conservação maior das ruas (desgaste menor do asfalto pela diminuição na tração aplicada pelos veículos ou na força exercida pelas correntes de águas pluviais), reduzindo custos com manutenção. Da mesma forma permitiria ao pedestre um caminhar mais relaxado, sem maiores esforços, atendendo aos preceitos estipulados a uma estância de lazer e de saúde.

- Saneamento:

Dotar a cidade de Águas de São Pedro de infra-estrutura básica não era o bastante para a Empresa *Águas Sulphúricas e Thermaes de São Pedro S/A*. Assim como Ebenezer Howard havia pretendido, para sua Cidade-Jardim, o novo núcleo que surgia deveria contar com o que havia de mais moderno em termos de saneamento e infra-estruturas. Deste modo, toda a área do parque municipal foi provida de uma rede de energia elétrica bem como de telefonia subterrânea, para que não houvesse comprometimento estético da paisagem desta área. Na parte de loteamento, os cuidados quanto às questões sanitárias foram entregues à responsabilidade do Escritório Técnico Saturnino de Brito (ESB), incumbido de sanear toda a região, além de projetar o sistema de

captação, tratamento e abastecimento de água potável, como a de coleta de esgoto e respectivo tratamento¹⁹.

Desta forma, a cidade de Águas foi munida de ações e técnicas sanitárias e higienistas das mais modernas de sua época, destacando-se das demais cidades que se viam frequentemente envolvidas com surtos epidêmicos, sem condições sanitárias adequadas e com problemas de poluição do ar e da água.

- Áreas residenciais:

O monopólio da Empresa sobre os setores secundário (fábrica) e terciário (serviços de lazer e de saúde) da economia de Águas, em nada se compararia aos lucros que esta iria ter com o monopólio e exploração da terra urbana, sendo este um dos principais meios de retorno do capital investido. Assim sendo, o loteamento residencial deveria conter atrativos e qualidades que garantissem o sucesso do empreendimento pela venda de lotes tanto para futuros habitantes da Estância como para visitantes de fins de semana ou de feriados (habitantes flutuantes).

O loteamento residencial dividia-se em três áreas diferentes, contendo no total 1.229 lotes. A primeira área, com posição estratégica próxima ao balneário e ao parque, foi especialmente traçada, diferenciando-se das demais pela faixa única de lotes nas quadras, tendo estas aberturas para duas vias. As outras duas regiões foram separadas pelo córrego Bebedouro, configurando-se a localizada à margem direita (sentido rio Araquá) como um setor ocupado principalmente por chalés e casas de veraneio; enquanto que a da margem esquerda, devido à sua ocupação por casas operárias – construídas, alugadas ou arrendadas pela Empresa para os operários que ajudaram a erguer a cidade –, ficou ocupada em grande parte pelos habitantes fixos da cidade, geralmente de classes média e média baixa.

Se na Cidade-Jardim howardiana os lotes seriam arrendados aos moradores e o dinheiro a ser pago revertido ou no pagamento da gleba de terra comprada para implantação da cidade ou em benefícios em prol da própria comunidade; em Águas de São Pedro, entendia-se que os benefícios já haviam sido dados e que, sendo um empreendimento privado, as regras do sistema capitalista é que deveriam comandar o desenvolvimento desta cidade.

Projetualmente, estas áreas residenciais, assim como as áreas comerciais, foram dotadas de normas de uso e ocupação do solo. Recorrentes do urbanismo do começo do século, as leis estabelecidas para ocupação destas áreas configuravam-se como regras disciplinadoras dos habitantes em relação à cidade. Nas áreas residenciais, as principais leis estabelecidas tanto pela Empresa quanto pelo próprio engenheiro Vieira, descritas em seu *Memorial* de projeto (1939).

¹⁹ ESB, 1939. *Relatório de Orçamentos para o Saneamento das Termas de São Pedro*. Rio de Janeiro, Escritório Técnico Saturnino de Brito.

- Áreas verdes e recreativas:

A área devastada pela lavoura cafeeira, onde estava sendo implantado o balneário, o hotel e outros equipamentos necessitaria de um projeto de reabilitação paisagística. Criar uma paisagem atraente para os futuros turistas e hóspedes do Grande Hotel bem como dotar a cidade de um microclima mais apropriado, atenuando as altas temperaturas, foram prerrogativas que levaram a Empresa *Águas Sulphúricas e Thermaes de São Pedro S/A* a direcionar suas ações também para este campo.

A primeira ação tomada foi a contratação dos serviços do professor Edmundo Navarro de Andrade da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz, de Piracicaba. Este ficaria responsável por reflorestar a cabeceira do córrego Bebedouro, local onde mais tarde foi delimitado o parque municipal. A solução encontrada para tal tarefa foi o emprego de 1.200.000 mudas de eucalipto sobre toda a encosta que circundava a nascente, percorrendo a margem esquerda do Bebedouro (interrompida na parte do loteamento) e finalizando às margens do rio Araquá. Tirando vantagem da fácil adaptação dessa espécie em solos pobres e seu rápido crescimento, a intenção de Navarro era criar um ambiente diferenciado num curto espaço de tempo, propício para que outras espécies viessem a crescer.

Concomitantemente, iniciou-se o tratamento paisagístico do parque municipal que, posteriormente influenciaria no paisagismo dado ao bulevar comercial e à *park-way*. Este trabalho contou com a colaboração do Viveiro *Manequinho Lopes* com sede na capital paulista. Julius Borchard, botânico suíço, recém-chegado ao país e primo do encarregado pela direção do Viveiro, foi o responsável pela escolha das espécies que foram plantadas no parque e depois no bulevar, dentre elas: flamboyants, acácias, jacarandás, grevilhas, guapurubus, tipuanas, pau-brasil, etc. Para condicionar o desenvolvimento dessas espécies mais exigentes, o solo tipo piçarra foi substituído por solos de aluvião, trazidos dos arredores e depositado em enormes valas de até 3,5 metros de profundidade.

Vieira também projetou os passeios dentro da área destinada ao bosque, todos em curvas de nível, para que as pessoas, mesmo com alguma dificuldade de locomoção, tivessem uma caminhada tranqüila e agradável; idéia esta realizada em conjunto com o médico Jorge Aguiar Pupo, prevendo, através dos percursos propostos, dinâmicas para tratamentos medicinais.

Com relação ao loteamento, as partes baixas ou locais que fossem suscetíveis a ter algum tipo de umidade, e que provocaria eventual erosão, foram restritas a parque ou praça, com projeto de canalização e ajardinamento, típicas do urbanismo de Vieira. Exemplo disso foram os talwegues ou grotas, as esquinas em ângulo agudo e as áreas às margens do córrego Bebedouro e do rio Araquá.

Criando-se um ambiente de exuberante verdura (e em grande quantidade, como mostram os dados de zoneamento), cabia agora aos empreendedores executar um número programado de

atividades que possibilitasse a prática do lazer. Estas atividades deveriam ser estrategicamente montadas para criar as mais variadas opções de uso do tempo livre. Da mesma forma, deveriam adequar-se à liberdade de escolha, de opção individual, de volição de cada turista.

Além das atividades inerentes ao parque, ao Grande Hotel São Pedro e ao balneário, posteriormente outros hotéis foram construídos na faixa do bulevar, como a Pensão Santo Antônio (1941), destinada aos visitantes mais humildes, e o Hotel Avenida (1942). Paralelamente, a própria cidade de Águas de São Pedro foi projetada para que seus espaços proporcionassem o lazer. As vias sinuosas instigando a curiosidade, a riqueza e a diversidade de visuais proporcionadas por sua topografia irregular, a farta arborização e a multiplicidade de jardins e de pequenos parques, o clima ameno, a escala pequena da cidade, dentre outros, eram fatores que favoreciam e incentivavam o passeio e a exploração dos espaços urbanos pelos turistas que visitavam Águas de São Pedro.

A Cidade-Jardim no projeto de Águas de São Pedro

Águas de São Pedro caracterizou-se como pertencente a rede de Cidades Novas voltadas para o turismo, direcionadas a uma função específica. Geradas no entorno de atrativos naturais, estes núcleos eram destinados à reabilitação física e mental do homem moderno, oferecendo-lhe condições e atrativos para recreação e tratamento médico, bem como uma fuga temporária aos males da cidade grande. Desta forma, estas estâncias em muito se aproximaram dos conceitos howardianos ao tentar unir as qualidades da cidade com as qualidades do campo. Prover a Cidade Nova com elementos trazidos da cidade industrial (os avanços tecnológicos, o conforto, os meios de transporte, as formas de entretenimento, etc.), com os recursos naturais presentes nestas áreas (a tranqüilidade, o sossego, a liberdade, a natureza, etc.), foi a fórmula encontrada pelos empreendedores da Estância de garantir seu sucesso, e, com isso, o retorno dos investimentos aplicados.

Águas de São Pedro, no entanto, não apresentou apenas esta conexão com o ideário da *Garden-City*. Tanto na biografia de Howard como na dos irmãos Moura Andrade, o desejo em conquistar um mundo novo se fez presente. Howard, ao mudar-se para os Estados Unidos, adquirindo terras nas pradarias americanas, tomou contato com os incentivos dados pelo Estado norte-americano para ocupação do território. O mesmo ocorreu com os *bandeirantes modernos* (os irmãos Moura Andrade), que, após lucrativos anos trabalhando no comércio cafeeiro, decidiram aplicar capital na compra de terras virgens no oeste do Estado de São Paulo. Este espírito aventureiro e desbravador, em ambos os casos, possibilitou a aquisição de um repertório significativo de idéias e planos, aplicado, posteriormente, na elaboração de projetos urbanos: a Cidade-Jardim, para Howard, e as Cidades Novas de Andradina e Águas de São Pedro, para os irmãos Moura Andrade.

Semelhantes nas ações, diferentes nas intenções. Se, no caso inglês, havia uma forte preocupação em assegurar o solo urbano da futura cidade da ação dos especuladores; no caso dos paulistas, as cidades já nasceram com este caráter especulativo, de um grande empreendimento imobiliário, do qual se tirou vantagem da terra através de sua alta e repentina valorização – comprada a baixo custo, após sua urbanização e retalhamento, vendida por um valor muito maior.

Mesmo com o caráter especulativo em primeiro plano, os irmãos Moura Andrade não se opuseram a dar uma qualidade especial ao plano da Estância. Como Andradina foi planejada como uma cidade para atender apenas às necessidades produtivas da Empresa *Moura, Andrade & Cia*, atraindo pioneiros e aqueles que buscavam novas oportunidades de vida, sem medir esforços; esta recebeu um plano racional e rápido de ser implantado, sem maiores atenções. Já Águas de São Pedro, destinada a um público diferenciado, de maior poder aquisitivo, e com maiores exigências, foi provida de um meticuloso projeto urbanístico elaborado pelo engenheiro Jorge de Macedo Vieira. Assim como o plano da primeira Cidade-Jardim, Letchworth, implantada a mais de um século atrás, na Inglaterra, que contou com a participação de dois experientes arquitetos e urbanistas daquele país (Raymond Unwin e Barry Parker); no Brasil, os empreendedores contrataram os serviços de Vieira – urbanista paulistano responsável por desenhos e implementações de loteamentos residenciais do tipo Subúrbio-Jardim na capital paulista e em outras cidades.

Na Estância, o projeto urbano idealizado por Vieira em muito se estreitou com os princípios howardianos ou com os primeiros exemplares de Cidade-Jardim. A fase de reconhecimento da área demonstrou isso. Através de tomada das curvas de nível sobre o terreno irregular e do levantamento dos principais aspectos locais (visuais, elementos naturais, formas de chegar à cidade, condições climáticas, etc.), o engenheiro teve em mãos informações necessárias para projetar um plano coerente com o espírito do lugar (*genius loci*), como bem defendia Camillo Sitte em sua Cidade Artística (uma das referências de Ebenezer Howard).

A adequação do plano à topografia local, colocada em prática por Barry Parker tanto na Inglaterra (Letchworth) como no Brasil (bairro do Pacaembú, por exemplo), foi similarmente trabalhada pelo engenheiro brasileiro em Águas. Este projeto, podendo ser, comparativamente, considerado um referencial dentre os existentes, regulou-se à geomorfologia da área escolhida, que possibilitou ao autor tirar partido de ruas curvas e sinuosas e, consecutivamente, do caráter bucólico e pitoresco que esta tipologia viária proporcionava.

Fisicamente, outras características apresentaram-se como condizentes aos preceitos howardianos, aqueles defendidos para a Cidade-Jardim. A inserção da Estância numa gleba rural destacada do município de São Pedro (**Fig. 1**), por um lado, impediu que houvesse uma expansão desmesurada de seus limites; por outro, resultou na formação de um Cinturão Verde, cercando a cidade e dotando-a de um horizonte campestre. Metaforicamente, a linha de contorno (linha

férrea) proposta por Howard circundando sua cidade, fez-se espelhar no partido para Águas, pela inclusão de uma via expressa para veículos (o meio de transporte em voga na época), implantada sobre o espigão que envolvia a bacia do córrego Bebedouro e o loteamento construído. Área rural e área urbana definitivamente separadas, porém, contínuas em virtude da vegetação presente em ambas.

Enquanto que a porcentagem prevista no programa inglês delineava $\frac{1}{4}$ da área total destinada a áreas verdes, no projeto nacional este número saltou para quase 70%. Mais que um jardim dentro da cidade, o plano de Vieira se caracterizou como uma cidade dentro de um imenso jardim. Parques, praças, esquinas e calçadas ajardinadas, áreas de proteção de mananciais, matas ciliares, jardins particulares, etc., assumiram o compromisso de dar à cidade do lazer e da saúde o verde que ela necessitaria. Além de um ambiente direcionado a práticas sociais, interagindo, de certa forma, com as pessoas da comunidade, estes locais permitiram a constituição de um microclima especial para a região.

Ocupando uma área urbana de 282 hectares (Cidade-Jardim de Howard: prevista para 400 hectares), a Estância teria uma população de 10 mil habitantes (Cidade-Jardim de Howard: prevista para 32 mil habitantes) e um adensamento baixo com 282 m² de área para cada habitante (Cidade-Jardim de Howard: 114 m² para cada habitante). Tendo aproximadamente 3,5 km. de extensão a longo do córrego Bebedouro (Cidade-Jardim de Howard: sua circunferência teria 2,26 km de diâmetro), o centro desta cidade (zona comercial e local de acesso aos principais equipamentos) poderia ser alcançado por qualquer habitante numa simples caminhada a pé.

Tanto Howard como Vieira dispuseram de nomes de projetos norte-americanos, em especial daqueles realizados por Frederick Law Olmsted, para denominar certos locais de suas cidades como: *Central Park* (projeto de Olmsted para Nova Iorque) ou *park-way* (projeto do norte-americano para Chicago). A *park-way*, com seus 100 metros de largura (Cidade-Jardim de Howard: Avenida Central com 125 metros de largura), juntamente com o bulevar formaria a linha divisória e o espelhamento da cidade em duas partes, uma em cada margem do córrego Bebedouro.

No bulevar, delimitado por duas rotatórias e caracterizando-se como centro geográfico da Estância, foi alocada a pequena zona comercial e a única indústria da cidade (Cidade-Jardim de Howard: o centro de sua cidade disposta de forma circular abrigaria os principais edifícios públicos, o parque central e o Palácio de Cristal, uma espécie de mercado coberto para lazer e compra de produtos artesanais). O restante do terreno foi destinado ou a áreas verdes ou aos amplos lotes residenciais de 600 m², abrigando, no máximo, duas casas geminadas (tanto em Letchworth como em Welwyn Garden City foram encontradas até 5 moradias numa única construção, cercada por amplos jardins).

Este zoneamento funcional e o modo de ocupação do solo urbano foram meios encontrados tanto pelo taquígrafo inglês como pelo engenheiro urbanista de disciplinar e ter controle sobre a

organização da cidade. Inclui-se ainda, no caso de Águas de São Pedro, a produção de habitações para operários como um instrumento regulador de suas vidas.

As novidades tecnológicas da época também estavam presentes nas duas propostas. As inovações ocorridas nos setores de infra-estrutura (comunicação, saneamento, energia elétrica, etc.) foram adotadas de modo a oferecer uma cidade moderna – independente desta estar fora do centro ativo da economia. Do mesmo modo, os meios de transportes mais avançados de cada época estavam devidamente inseridos, como o trem para a cidade de fins do século XIX ou o veículo automotivo e o avião para a cidade da década de 1930.

Se o estressado habitante da cidade industrial inglesa poderia pegar um trem e mudar-se para Letchworth ou Welwyn Garden City; um burguês brasileiro poderia desfrutar de seu tempo livre e da recuperação de sua saúde debilitada, viajando de carro ou de avião para Águas de São Pedro. Colocava-se a natureza em ambos os casos, como forma de resgate das necessidades físicas e mentais, corrompidas pelo modo alienante que a máquina havia introduzido na vida das pessoas.

Além do diferenciado modo de arrendamento da terra urbana, a Estância se distanciou do conceito howardiano de auto-sustentabilidade. Para ele, toda Cidade-Jardim deveria ser auto-sustentável e, somente em casos de excedentes na produção, estes poderiam ser trocados ou vendidos para outros núcleos. No caso de Águas, tal procedimento seria inviável, uma vez que suas funções restringiram-se às atividades de lazer e de saúde. Por não apresentar área rural o suficiente (as antigas produções agrícolas destinavam seus bens ao abastecimento exclusivo do Grande Hotel), a economia da Estância ficou baseada somente na exploração dos serviços de lazer ou de tratamento de enfermidades. Todas as necessidades básicas de consumo da comunidade eram importadas de outros municípios ou regiões.

Sendo assim, esta pesquisa revelou que, mesmo apresentando lacunas em relação ao ideário da *Garden-City* inglesa, a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro se constitui como um exemplar singular e pioneiro deste Movimento na urbanística moderna brasileira. A incorporação de conceitos desta tipologia, inserida de modo direto ou indireto, no planejamento urbano deste balneário, foram devidamente contextualizados, revelando um modelo de cidade por vezes melhor solucionado do que seus exemplares originais. A ação de profissionais especializados, a possibilidade fornecida por seus empreendedores (questionando-se suas reais intenções), os resultados obtidos mostram-nos como uma cidade pôde se cristalizar num ambiente receptivo e qualificado para seus habitantes e seus visitantes dele usufruírem, naquele ou em períodos posteriores.

Considerações finais

Embora exemplos urbanísticos nos mostrem a presença dos conceitos howardianos na urbanística moderna brasileira desde 1915 (projeto “Jardim América”, dos arquitetos Raymond Unwin e Richard Barry Parker, em São Paulo), nenhum deles saiu da escala de bairro ou

loteamento. Mesmo a reformulação do plano para a nova capital do Estado de Goiás, Goiânia, realizado por Armando Augusto de Godoy, caracterizou-se mais como uma solução híbrida de tipologias urbanísticas diversas, atendendo a função de cidade administrativa. A idéia de se criar uma nova cidade, pensada em sua globalidade, sob os preceitos howardianos, tornou-se realidade através do plano para a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, titulando-se como a primeira Cidade-Jardim brasileira.

Deste modo, esta pesquisa veio contribuir para a historiografia do urbanismo brasileiro ao se somar a outras pesquisas que focam os temas aqui apresentados. Com objetivo central de analisar a incorporação do ideário da *Garden-City* inglesa na urbanística moderna brasileira pelo estudo do planejamento urbano para a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, esta pesquisa foi buscar, num campo mais amplo, elementos sobre o contexto deste empreendimento, juntando as peças necessárias para a construção desta versão de um quebra-cabeça “provisório”.

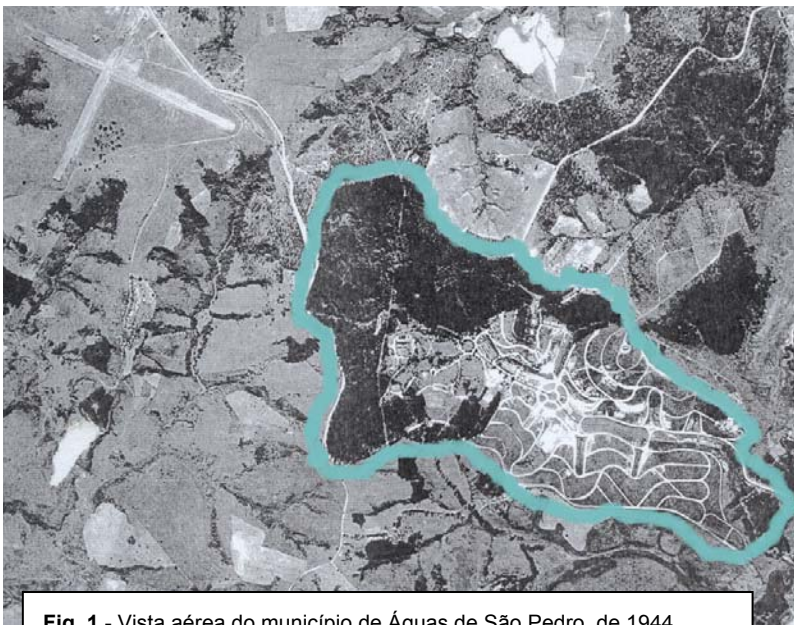


Fig. 1 - Vista aérea do município de Águas de São Pedro, de 1944. (fonte: Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro, out/2002)

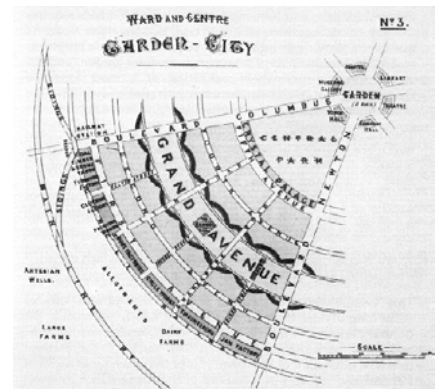
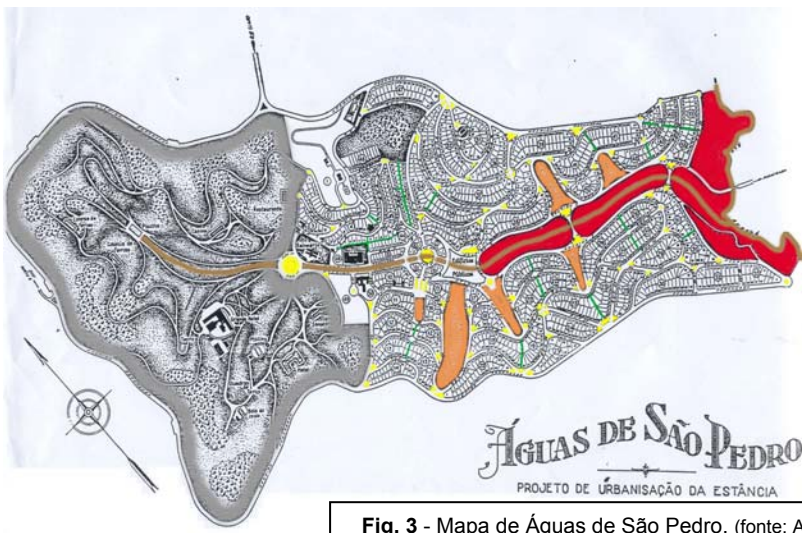


Fig. 2 - Diagrama n.3 – detalhe de 1/6 da Cidade-Jardim howardiana. Do centro para a periferia: os edifícios públicos, o *Central Park* com a arcada, duas quadras residenciais, avenida central com escola e igreja, duas quadras residenciais, faixa com indústrias e comércio e a ferrovia. (fonte: Beevers, 1988, p.51)



- Legenda:
- Parque Municipal
 - Park-way
 - Área verde
 - Talvegue
 - Vuelas
 - Córrego Bebedouro

Fig. 3 - Mapa de Águas de São Pedro. (fonte: Acervo Moura Andrade, jul/2001)